

Ascensão de Serra faz FHC virar alvo

Rudolfo Lago, Denise Rothenburg,
Luiz Fernando Godinho e Alberto Ramos
Da equipe do **Correio**

Osom é o de uma tradicional campanha de telefone. “Alô. É da companhia de mudanças”, diz uma voz. “Ah, o senhor quer trazer empregos? Mas não sabe se usa a nossa companhia ou a outra?”, continua a voz. “Ah, mas esse aí está careca de saber que não vai dar conta de trazer oito milhões de empregos”, conclui a voz. Em seguida, entra a voz rouca e a inconfundível língua presa do candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva. Responde a perguntas do locutor que diz que todos os candidatos prometem empregos, “inclusive o candidato da turma que está em Brasília faz oito anos e nada de emprego”. Lula responde que o país, antes, optou infelizmente por um governo “que subordinou o Brasil à especulação financeira”, mas agora percebeu o erro e quer mudanças.

Os trechos acima são parte do programa de Lula no rádio ontem pela manhã. *Lulinha* não quer mais *paz e amor*, como declarou o candidato no mês passado. E o programa de ontem foi o primeiro ensaio de que essa tática foi abandonada. O presidente vinha sendo poupado, mas no debate de anteontem, o candidato do PT, líder nas pesquisas, uniu-se a Ciro Gomes, do PPS, e a Anthony Garotinho, do PSB, nos ataques diretos ao governo de Fernando Henrique Cardoso. Os três o elegeram como alvo para, indiretamente, atacar o candidato do PSDB, José Serra, e minar a sua ascensão nas pesquisas de intenção de voto. “Vamos entrar em uma fase da campanha onde o que estará em julgamento são os oito anos do governo de Fernando Henrique”, avalia o cientista político José Luciano Dias, do Instituto Brasileiro de Estudos Políticos (Ibep).

No caso do programa de rádio de Lula, a idéia era ironizar Serra como candidato das *mudanças*. E, imitando o que já fizera Garotinho, a forma usada para identificar o candidato do PSDB foi chamá-lo de *careca*. O novo tom da campanha petista começou a ser acertado na semana passada. A troca de tática será gradual. Na avaliação do presidente do PT, deputado José Dirceu (SP), Lula não encontrará, nos 30 dias finais da campanha no primeiro turno, a mesma tranqüilidade que tem experimentado até agora. “Vamos começar a apanhar. E temos de estar preparados para bater também”, disse Dirceu, em reunião com assessores da campanha. Bater, no caso, significa bater em Serra. E bater em Serra é colá-lo ao governo e explorar os defeitos e fragilidades dos oito anos da administração de Fernando Henrique. “O *paz e amor* era para Ciro. Com o crescimento de Serra, Lula fica obrigado a antecipar para agora o debate sobre o governo que estava guardando para o segundo turno”, resume Luciano Dias. Os assessores de Lula confirmam a análise.

OS MESMOS 40%

Assim, Lula une-se a Ciro no ataque à promessa de Serra de criar oito milhões de novos empregos. Ciro voltou a usar, em seus programas de rádio e TV, o quadro com trechos dos programas eleitorais de Fernando Henrique prometendo novos empregos em 1994 e 1998 e de Serra agora, concluindo com a frase: “Se não fizeram em oito anos, vão fazer em quatro?”.

Não é diferente do que fez Garotinho. Além de duvidar das promessas de novos empregos, o candidato do PSB lembrou que o governo, na proposta orçamentária de 2003, previu um aumento de apenas R\$ 11 para o mínimo. E colocou o baixo índice de reajuste nas costas de José Serra.

Mas se para Lula e Garotinho atacar o governo é uma tática natural, o mesmo não se pode dizer sobre Ciro. Segundo o presidente do Instituto Vox Populi, Marcos Coimbra, as pesquisas demonstram que Serra e Ciro disputam uma mesma fatia de eleitorado, em torno de 40% dos votantes. Somados os votos dos dois, o percentual nunca fica longe desse número. Boa parte dos eleitores de Ciro, portanto, é governista. Serra, quando sobe, tira votos de Ciro e vice-versa.

Embora a avaliação geral do governo Fernando Henrique não seja boa, de acordo com a última rodada da pesquisa Vox Populi/*Correio*, há um percentual de 23% que consideram seu governo bom ou ótimo. É semelhante ao número de pessoas que considera que é preciso continuar com “todas” ou “com a maioria” das atuais políticas de governo: 25%. Nem todos os eleitores que têm esse pensamento votam em Serra. Nenhum vota em Lula. “No caso de Ciro, bater no governo pode ser um tiro pela culatra. Ele pode causar a queda de Serra, mas provocar como consequência a subida de Lula”, observa Luciano Dias. “Até agora, nenhum dos dois demonstrou capacidade de agregar novos eleitores. E, nessa onda de ataques mútuos, podem bem se juntar num abraço de afogados”, emenda Coimbra.

Ao final do debate de segunda-feira, Serra reclamou que todos ficaram contra ele. Não foi um fato isolado. Será assim daqui por diante. E a tática para reagir a isso está montada pelo PSDB. As críticas ao governo devem ser respondidas pela equipe de Fernando Henrique. Ontem, o Ministério do Trabalho já pediu à Justiça direito de resposta contra Ciro. O ministro da Saúde, Barjas Negri, vai processar Ciro para exigir que ele prove as acusações de corrupção no ministério. É a tática do irmão mais novo. Na hora da briga, Serra chama seu irmão mais velho. Fernando Henrique é quem vai ter de sair no braço.



O QUE AFIRMA A OPOSIÇÃO			O QUE DIZ O GOVERNO	
	LULA (PT-PL)	CIRO (PPS-PTB-PDT)	GAROTINHO (PSB)	FERNANDO HENRIQUE E JOSÉ SERRA
EMPREGO	12 milhões de trabalhadores ficaram desempregados durante o governo Fernando Henrique	Nos últimos oito anos, 11,7 milhões de pessoas foram desempregadas	O presidente Fernando Henrique Cardoso não deu prioridade para a criação de empregos no país	A taxa de desemprego atual é de 7,6% da População Econômica Ativa, o que representa aproximadamente 6 milhões de pessoas. O governo alega ainda que outros 6,1 milhões de trabalhadores ingressaram no mercado formal desde 1999. Ou seja, tiveram sua carteira de trabalho assinada nesse período
SEGURANÇA PÚBLICA	Falta coordenação entre a União e os governos estaduais nos programas de combate à violência	Jovens são empurrados para a violência e o crime organizado porque não possuem oportunidade de emprego. O efetivo operacional da Polícia Federal é baixo	As fronteiras não são bem guardadas, o que facilita a entrada de drogas e armas pesadas no país e contribui para aumentar a violência nas cidades	Lançado a pouco mais de um ano, o Plano Nacional de Segurança Pública trabalha a coordenação entre o governo e os estados, estimula a criação de forças-tarefas federais e estaduais e repassa verbas para incrementar o combate à criminalidade
SAÚDE	As políticas preventivas foram abandonadas, como a de combate ao mosquito da dengue. O país sofre com epidemias que poderiam ser evitadas	A maior parte dos recursos públicos é destinada para pagamentos à rede hospitalar privada	Parcela da CPMF destinada à saúde é mal gerida e faltam políticas preventivas. Demissões de funcionários mata-mosquitos facilitaram a epidemia de dengue	O Ministério da Saúde diz que 19,84% dos seus recursos vão para o setor privado e que envia aos estados verbas para o combate a epidemias. O Rio de Janeiro — que foi governado por Anthony Garotinho entre janeiro de 1999 e março de 2002 — não tocou neste dinheiro (R\$ 11 milhões) durante 18 meses, o que provocou a epidemia de dengue em fevereiro deste ano
PRIVATIZAÇÕES	Dinheiro apurado nas privatizações foi usado para pagar juros e não trouxe benefícios sociais para a população. Erros na venda de estatais do setor elétrico causaram o <i>apagão</i>	Houve pagamento de propina nas privatizações, e dinheiro público foi desviado nesse processo. Governo se recusa a investigar essas denúncias. Tarifas dos serviços privatizados aumentaram muito nos últimos anos	Bancos foram beneficiados com os recursos da privatização, usados para pagar juros em vez de financiar programas sociais. Empresas públicas foram vendidas a preços muito baixos	Ao usar o dinheiro da privatização para pagar juros, o governo conseguiu reduzir o ritmo de crescimento da dívida pública. Além disso, se as estatais não fossem vendidas, os serviços providos por elas entrariam em colapso, pois a União não teria recursos suficientes para investir na modernização dessas empresas
POLÍTICA ECONÔMICA	Governo priorizou o pagamento de juros e abandonou mecanismos de desenvolvimento regional	O país se rendeu ao mercado financeiro e teve que fazer um terceiro acordo com o FMI. Em oito anos, a dívida interna do setor público subiu de R\$ 143 bilhões para R\$ 860 bilhões	Pagamento de juros exige cortes orçamentários na saúde, na educação e nas Forças Armadas	Ao analisar o crescimento da dívida pública, o que importa é a relação dela com o PIB — e não sua evolução nominal, como preferem os candidatos de oposição. Segundo a equipe econômica, a dívida subiu de 30% para 61,9% do PIB nos últimos oito anos